



## GT 045. Moralidades, afetos e políticas: sobre e das relações de gênero entre indígenas

Patricia Carvalho Rosa (Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá) - Coordenador/a, Elizabeth de Paula Pissolato (Universidade Federal de Juiz de Fora) - Coordenador/a, Diógenes Egidio Cariaga (PPGAS/UFSC) - Debatedor/a, Suzana Cavalheiro de Jesus (Universidade Federal do Pampa) - Debatedor/a, Andrea Carvalho Mendes de Oliveira Castro (Universidade Federal do Paraná) - Debatedor/a

O GT pretende colocar em diálogo pesquisas que refletem sobre os modos indígenas de elaboração e significação de suas noções de identidades de gênero e sexuais diante de suas existências híbridas quando observamos as escalas de mobilidades/trânsitos de referentes morais e éticos que passam a circular e constituir seus cotidianos. Estes referentes plurais têm conectado diferentes pontos de vista entre os coletivos ameríndios; nos modos como as narrativas sobre pessoa, corpo, parentesco não estão distantes de relações que envolvem distintos regimes de alteridade e relações de poder. Sob tais condições sempre plásticas e conjunturais de produzir gradientes relacionais, etnografias recentes conduzem nossos olhares às considerações dos fatores que contribuem para a heterogeneidade de experiências indígenas relativas às problemáticas de gênero que atravessam as estruturas simbólicas e práticas coletivas. Entre estes processos a afiliação religiosa, idade, escolarização, relações com o sistema de saúde, mobilidades e migração, gestão dos territórios, são fatores transversais que intersectam elementos culturais, históricos e políticos que cominam nas cosmopolíticas efeitos conceituais, de tradução, manejo das diferenças e experimentações de vivências diferenciadas. Esperamos reunir pesquisas que reflitam sobre os (re)posicionamentos dos entendimentos indígenas sobre os domínios, relações e agenciamentos masculinos e femininos e como estes vem vivenciando e significando estes processos.

### **Plêiades e rios de leite: um estudo comparativo de perspectivas de gênero nas etnografias do noroeste amazônico**

**Autoria:** Maria Bonome Pederneiras Barbosa

Na década de 1960, os antropólogos Stephen Hugh-Jones e Christine Hugh-Jones realizaram juntos um work de campo entre os Barasana, povos Tukano Ocidental do noroeste amazônico. Diante de um sistema no qual a divisão do work é estritamente sexual, o casal (ambos alunos de Edmund Leach) se viu separado durante quase todas as atividades que engajavam, levando-os, em seus respectivos livros (*The Palm and the Pleiades: Initiation and Cosmology in Northwest Amazonia* e *From the Milk River: spatial and temporal processes in Northwest Amazonia*), a elaborar descrições de diferentes perspectivas de gênero sobre o universo sócio-cosmológico dos Barasana. Tendo em vista a oportunidade de confrontar tais perspectivas de gênero, pretendo neste work analisar comparativamente estas duas etnografias a fim de lançar luz sobre as relações de generificação a partir, sobretudo, do parentesco e das divisões do work, assim como entender suas implicações na construção de corpos (humanos e não-humanos) e nas configurações socio-cosmológicas descritas. Proponho também trazer para o debate outras etnografias do noroeste amazônico, através das quais espero encontrar caminhos para compreender melhor os movimentos, especialmente, de mulheres indígenas que têm se destacado na região e suas implicações na estrutura de casamento exógamo e virilocal característica dos povos Tukano. Em outras palavras, pergunto-me como é possível que, em um sistema de



parentesco que a princípio estabelece uma desarticulação de mulheres (uma vez que estas saem de suas casas para se casarem em grupos de língua diferente da sua), emergem movimentos nos quais essas mulheres se reúnem e criam associações indígenas e que hoje têm força relevante na região do Rio Negro? Busco entender ainda quais os efeitos deste movimento das mulheres – que passam muitas vezes a assumir posições de liderança, ou partem para as cidades onde assumem outras posições no mercado de work ‘branco’ – na própria estrutura do parentesco tendo em vista casamentos com brancos e a formação de novas comunidades de liderança feminina. Por fim, espero com esse exercício comparativo levantar pontos sobre a relevância de uma perspectiva de gênero para a análise do parentesco (já apontados por diversos etnólogos e etnólogas tais como Joanna Overing, Christiane Lasmar e a própria Christine Hugh-Jones), e, inclusive, para a percepção dessas movimentações femininas dentro de um sistema que, sob uma perspectiva masculina, estariam obliteradas – o que leva à questão que conduz este work, a saber, as formas de articulação das mulheres em tal contexto.



**Realização:**



**Apoio:**



**Organização:**

